

7

O sinal eletrônico acordou Luke. Espreguiçando para espantar o sono, ele examinou os monitores.

— Artoo? Estamos quase chegando. Apronte-se. Esfregou os olhos, escutando o som nervoso que o dróide produziu.

— Calma, Artoo.

Colocou os dedos sobre os controles do hiperdrive e fechou os olhos, deixando que a Força fluísse. Era quase chegado o momento... *agora*. Puxou os manetes e o asa-X voltou ao espaço negro, cheio de estrelas.

E à frente, estava o mundo noghri de Honoghr.

Artoo manifestou-se.

— Eu sei — concordou Luke, sentindo-se mal ao observar o planeta.

Leia dissera o que esperar; porém, mesmo depois do aviso, o mundo que se descortinava à frente de seu asa-X era um choque. Abaixo das esparsas nuvens esbranquiçadas, toda a massa planetária era de cor marrom e uniforme. Sua irmã chamara aquilo de grama kholm, uma planta que o Império alterara os genes para controlar a ecologia do planeta. Aquilo, combinado ao auxílio cuidadoso e dosado de Vader, seguido por Thrawn, rendera ao Império quatro décadas de serviços prestados pelos noghri. Naquele momento mesmo, havia vários grupos de comandos da morte noghri espalhados ao redor da Galáxia, lutando e morrendo pelos que os haviam traído, escondendo-se sob o manto da compaixão enquanto os transformavam em escravos.

Artoo quis saber alguma coisa e Luke foi arrancado de sua contemplação.

— Não sei. Vamos ter de mandar uma equipe de exoecólogos para saber quanto tempo. Mas não parece nada bom...

O dróide produziu um ruído, um encolher de ombros eletrônico, que se transformou em aviso. Luke levantou a cabeça a tempo de ver uma pequena e rápida nave-patrolha.

— Acho que já nos avistaram. Vamos esperar que seja uma nave noghri e não do Imp...

— Identifique-se, caça — pediu uma voz felina, pelo comunicador.

Luke acionou seu canal, projetando a Força na direção da nave-patrolha, que se colocava em posição de ataque. Mesmo através da distância, ele deveria ter sentido um piloto humano, o que não aconteceu. Concluiu que de fato se tratava de um noghri.

— Aqui é Luke Skywalker, filho do Lorde Darth Vader, irmão de Leia Organa Solo.

O comunicador permaneceu em silêncio por um instante.

— Por que veio?

A prudência mandava que ele não mencionasse o assunto das baterias, pelo menos até fazer uma idéia de como o assunto seria encarado pelos líderes noghri. Porém Leia mencionara várias vezes como ficara impressionada pelo sentido de honra e honestidade desse povo. Optou pela sinceridade.

— As baterias principais da minha nave foram danificadas — explicou, ao comunicador. — Pensei que pudessem ajudar-me.

— Você nos coloca em grande perigo, filho de Vader — respondeu o noghri. — Às vezes as naves do Império passam por aqui. Se você for avistado, todos sofrerão.

— Compreendo — disse Luke, um tanto aliviado. Se estavam preocupados com as naves do Império, não haviam recitado as propostas de Leia. — Se preferirem, posso partir.

Prendeu o fôlego enquanto aguardava a resposta, escutando Artoo resmungar, em seu suporte. Se os noghri não os aceitassem, não sabia onde conseguiria chegar com a energia que tinha.

O piloto noghri pensava a mesma coisa, pois logo se manifestou:

— Lady Vader já arriscou demais pelos noghri. Não podemos permitir que você coloque sua vida em perigo. Siga-me, filho de Vader. Eu o levarei até a segurança que os noghri podem oferecer.

Segundo Leia, havia apenas uma pequena área em Honoghr capaz de suportar vida vegetal que não fosse a espécie degenerada pelo Império. Khabarakh e a maitrakh do clã Kihm'bar a haviam abrigado, assim como a Chewbacca e Threepio numa das vilas, conseguindo com habilidade e sorte, escondê-los das vistas do próprio Grande Almirante.

Leia incluía a localização da Terra Limpa e também as coordenadas do sistema... enquanto Luke seguia a nave-patrolha na direção da superfície do planeta, tornou-se claro que se dirigiam para lá.

— Para onde vamos? — indagou ao piloto noghri, enquanto mergulhavam numa camada de nuvens.

— Para o futuro de nosso mundo — respondeu o alienígena de voz felina.

Luke assentiu e observou entre as nuvens uma coluna dupla de penedos à frente, que lhe recordaram as escamas dorsais dos dragões krayt de Tatooine.

— Seu futuro está naquelas montanhas?

Luke ouviu uma espécie de sibilar pelo comunicador. Depois, a voz do piloto:

— Como a Lady Vader e o Lorde Vader antes dela, você também lê a alma dos noghri.

Luke deu de ombros. Adivinhara ao acaso, nada mais.

— Onde vamos?

— Outros Veio mostrar tudo a você — declarou o piloto — Daqui em diante devo deixá-lo. Adeus, filho de Vader Minha família vai lembrar por muito tempo a honra desse dia.

A nave que acompanhava Luke executou uma curva abrupta na direção do espaço... e em perfeito sincronismo, duas barcas-nuvens, equipadas para combate, elevaram-se para ocupar posições de escolta aos lados do asa-X.

— Nós o saudamos, filho de Vader. Estamos honrados em poder guiá-lo — declarou nova voz ao comunicador. — Venha atrás de mim.

Uma das barcas-nuvens tomou a dianteira e a outra assumiu posição à retaguarda. Luke permaneceu na formação, tentando ver para onde estava sendo conduzido. Tanto quanto sabia, os rochedos eram tão estéreis quanto o resto do planeta.

Artoo emitiu um ruído e enviou sua mensagem ao monitor de Luke.

— Um rio? Onde... lá está. Saindo do meio das rochas, não é?

O dróide confirmou. Parecia um rio muito rápido, decidiu Luke, quando se aproximaram e distinguiu as numerosas esteiras de espuma

indicando um leito acidentado. Provavelmente explicava porque o espaço entre as duas cordilheiras era tão fundo e pronunciado.

Atingiram o final das elevações rochosas alguns minutos depois. O veículo da frente virou para bombordo, manobrando em baixa velocidade entre algumas colinas e desaparecendo ao lado da encosta íngreme. Luke seguiu atrás, uma velha lembrança vindo à mente. *Vocês precisam manobrar para dentro deste desfiladeiro...*

Manobrou seu asa-X ao redor das colinas, diminuindo a altitude. Progrediu até a sombra do rochedo.

E penetrou mundo diferente. Ao longo das estreitas margens do rio, havia uma massa sólida e verde-brilhante.

Artoo emitiu uma espécie de assobio extasiado.

— São plantas — murmurou Luke, só percebendo depois como sua observação soara ridícula.

Eram plantas; contudo, encontrá-las em Honoghr...

— Este é o futuro de nosso mundo — disse um dos pilotos, com evidente orgulho na voz. — O futuro que Lady Vader nos deu. Continue, filho de Vader, a área de pouso é logo à frente.

A área de pouso revelou-se um enorme rochedo plano, em parte suspenso sobre o acidentado leito do rio. Com um olhar cauteloso para a corrente, Luke baixou o asa-X. A pedra provou ser bem maior do que vista de cinquenta metros de altura. As barcaças-nuvens aguardaram até que ele tivesse pousado, depois manobraram e fizeram o caminho de volta. Luke deixou os sistemas do asa-X em prontidão, abriu a carlinga e olhou ao redor.

O verde não se tratava, em absoluto, de um tom monocromático, como imaginara a princípio. Existiam pelo menos quatro matizes diferentes, entremeados num padrão que não poderia ser acidental. Um tubo podia ser visto mergulhando em ângulo no rio num ponto, desaparecendo no interior das plantas. Utilizavam a pressão da corrente para irrigar as margens íngremes. Alguns metros corrente abaixo, do ponto de pouso, ele divisou uma construção oculta das vistas da margem por uma pedra protuberante. Dois noghri permaneciam ao lado da porta: um com pele cinza-metálico, o outro mais escuro. Ambos olhavam para ele.

— Parece ser o comitê de recepção — comentou Luke. — Você fica aqui. Com isso quero dizer: *permaneça a bordo, Artoo*. Se cair na água como daquela vez em Dagobah, você vai ter sorte se encontrarmos alguns pedaços.

Não houve necessidade de repetir a ordem. Artoo concordou, depois emitiu uma pergunta.

— Claro, tenho certeza que são amistosos — respondeu Luke, retirando o capacete e levantando-se do assento. — Não se preocupe, não pretendo ir longe.

Saltou do asa-X e dirigiu-se para seus anfitriões. Os dois noghri já estavam sobre a pedra, observando-o em silêncio. Luke projetava a Força à medida que caminhava, desejando ter habilidade suficiente para conseguir descobrir alguma coisa sobre essa espécie.

— Em nome da Nova República, eu vos saúdo — recitou, assim que se aproximou o suficiente para fazer-se ouvir acima do clamor das águas. — Sou Luke Skywalker, filho do Lorde Darth Vader, irmão de Leia Organa Solo.

Estendeu a mão esquerda, com a palma voltada para cima, como Leia dissera para fazer.

O noghri mais velho avançou e encostou o focinho na palma de Luke. As narinas foram pressionadas contra a pele e teve de controlar as cócegas que sentia.

— Eu o cumprimento, filho de Vader — disse, por fim, recuando.

Ao mesmo tempo, os dois noghri ajoelharam-se, as mãos ao lado do corpo, no gesto de deferência que Leia descrevera.

— Sou Ovkhevam, do clã Bakh'tor. Sirvo ao povo noghri aqui em nosso mundo futuro. Estamos honrados com sua presença.

— Eu é que estou honrado pela hospitalidade de vocês. Seu companheiro é...

— Sou Khabarakh, do clã Kihm'bar. Agora o clã de Vader dobrou minha honra.

— Khabarakh, clã Kihm'bar — repetiu Luke, olhando outra vez para o jovem alienígena. Era ele o comando noghri que arriscara tudo, primeiro ao levar Leia para seu planeta, depois para protegê-la do

Grande Almirante Thrawn. — Por seus serviços à minha irmã Leia, eu agradeço. Minha família e eu estamos em débito com você.

— O débito não é seu, filho de Vader — disse Ovkhevam.

— O débito é do povo noghri. As ações de Khabarakh, do clã Kihm'bar foram apenas uma parte dessa retribuição.

Luke assentiu, sem saber direito o que dizer a seguir.

— Vocês chamam esse lugar de futuro do planeta de vocês — começou, querendo mudar de assunto.

— É o futuro dado ao povo noghri pela Lady Vader — afirmou Ovkhevam, fazendo um gesto que abrangia todo o vale — Aqui, com o presente dela, limpamos a terra que o Império envenenou com plantas. Aqui, algum dia, teremos comida suficiente para alimentar a todos.

— É impressionante — disse Luke, com sinceridade.

Em espaço aberto, aquele verde iria aparecer contra a grama kholm como um enorme bantha num encontro de pequenos jawa. Porém ali, com os rochedos idênticos protegendo a visão de todos os lados, com exceção de cima, havia uma boa chance de que os homens do Império sequer suspeitassem da existência do jardim secreto. O rio fornecia água, a latitude baixa implicava numa primavera um pouco maior do que a da própria Terra Limpa e, se o pior viesse a se confirmar, um bom número de cargas bem posicionadas enterrariam as provas de rebelião contra o Império.

E os noghri mal tinham tido um mês para planejar, projetar e construir tudo. Não era de se espantar que Thrawn e Vader antes dele ficassem contentes em escravizar essa raça.

— Foi Lady Vader quem tornou tudo possível — disse Ovkhevam. — Temos pouco a oferecer em termos de hospitalidade, filho de Vader. Mas o que temos é seu.

— Obrigado. Mas como o piloto da nave-patrulha disse, minha presença em Honoghr é um perigo para vocês. Se puderem conseguir baterias novas para minha nave, vou partir assim que seja possível. Pretendo pagar, claro.

— Não aceitaríamos pagamento do filho de Vader — afirmou o noghri, chocado perante a idéia. — Seria apenas uma parcela ínfima da dívida do povo noghri.

— Compreendo — disse Luke, suspirando. — Suponho que o primeiro passo seja descobrir se vocês possuem baterias de reserva que sirvam na minha nave. Como fazemos isso?

A intenção dos noghri era boa, mas essa história de sentir culpa pelos serviços prestados ao Império, iria acabar. Raças e seres mais sofisticados também haviam sido enganados pelas artimanhas do Imperador.

— Já está feito — informou Khabarakh. — As barcaças-nuvens já estão levando para Nystao a notícia do seu defeito. As baterias e os técnicos para a instalação estarão aqui pelo anoitecer.

— E enquanto isso, oferecemos nossa hospitalidade — completou Ovkhevam, olhando para o noghri mais jovem.

— Eu ficaria muito honrado. Mostre o caminho. O chalé abaixo do rochedo pendente era tão pequeno quanto parecera, da pedra onde Luke aterrissara. A maior parte do espaço disponível era tomada por dois catres estreitos, uma mesa baixa e o que parecia ser um módulo de armazenamento/preparação de comida, como o de uma pequena nave. Pelo menos ali dentro era mais silencioso do que o exterior.

— Esta será sua casa enquanto estiver em Honoghr. Khabarakh e eu montaremos guarda ao lado de fora. Vamos protegê-lo com nossas vidas.

— Isso não será necessário — assegurou Luke, olhando ao redor e verificando que o chalé parecia preparado para ocupação a longo prazo. — O que vocês dois fazem aqui, se posso perguntar?

— Sou eu quem toma conta desse lugar — afirmou Ovkhevam. — Caminho por tudo, para saber se as plantas estão crescendo direito. Já o nosso Khabarakh, do clã Kihm'bar... — Luke teve a impressão de ver um sorriso. — Khabarakh é um fugitivo do povo noghri. Nesse mesmo instante temos várias naves procurando por ele.

— Com certeza — disse Luke. Com o Grande Almirante ameaçando sujeitar Khabarakh a um interrogatório completo do Império, fora vital que o jovem comando "escapasse" da custódia e sumisse de vista. Era vital que a notícia da traição do Império fosse passada aos comandos noghri espalhados pela Galáxia. Os dois objetivos se combinavam muito bem.

— Você quer comida? Ou prefere descansar? — ofereceu Ovkhevam.

— Estou bem, obrigado. Acho que o melhor seria ir até a nave e começar a tirar as baterias.

— Posso ajudar? — pediu Khabarakh.

Na verdade, Luke não precisava, mas quanto antes o noghri pagasse esse suposto débito, melhor.

— Aceito. Vamos lá. As ferramentas estão na nave.

— Recebemos notícias de Nystao — disse Khabarakh, movendo-se invisível através da escuridão para onde Luke estava, com as costas apoiadas contra seu asa-X. — O capitão da nave do Império resolveu completar alguns reparos menores por aqui. Espera que o trabalho leve dois dias. A você, filho de Vader, os chefes pedem desculpas.

— Não é necessário — garantiu Luke. — Eu sabia que isso podia acontecer. Só peço desculpas por impor a minha presença.

Olhou além da asa de seu caça, para a escuridão estrelada, visível entre os rochedos. Então era assim que seria. Ficaria preso ali por dois dias.

— Sua presença não é uma imposição.

— Estou gostando da hospitalidade. Suponho que não haja indicação de que possam ter avistado minha nave?

— O filho de Vader não saberia se isto tivesse acontecido? Luke sorriu na escuridão.

— Até mesmo os Jedi têm algumas limitações, Khabarakh. É muito difícil detectar o perigo à distância.

Ainda assim, lembrou a si mesmo que a Força ainda estava com ele. Aquele cruzador de ataque podia ter se tornado um aborrecimento bem maior — vamos dizer que tivesse chegado enquanto o grupo de técnicos noghri estivesse em trânsito, ou quando o próprio Luke estivesse decolando para o espaço. Um capitão alerta poderia tê-lo seguido e levado o cruzador para o vale.

Percebeu uma sugestão de movimento e Khabarakh sentou-se a seu lado.

— Não é o suficiente, é? — perguntou baixo o noghri. — Esse lugar. Os chefes chamam de nosso futuro. Mas não é.

Luke balançou a cabeça de forma negativa.

— Não — admitiu. — Vocês fizeram um ótimo trabalho com esse lugar e vai ajudar a alimentar seu povo. Mas o futuro de Honoghr... não sou um especialista, Khabarakh. Mas pelo que vi aqui, não acho que Honoghr possa ser salvo.

O noghri deixou o ar escapar pelos dentes pontiagudos, o som perdendo-se no troar das águas.

— Você disse em voz alta o que pensam muitos do povo noghri. Talvez ninguém mais duvide disso.

— Podemos ajudá-los a encontrar um novo lar. Um outro planeta onde possam começar outra vez.

Khabarakh sibilou outra vez.

— Mas não será Honoghr.

— Não.

Por um minuto, nenhum dos dois disse nada. Luke escutou o som do rio, o coração cheio de compaixão pelos noghri. Mas mudar o que fora feito a Honoghr estava muito além de seu poder. Os Jedi, de fato, tinham suas limitações.

— Está com fome? — indagou Khabarakh, levantando-se. — Posso trazer comida.

— Aceito, obrigado.

O noghri afastou-se. Suprimindo um suspiro, Luke mudou de posição contra o trem de aterrissagem. Era ruim o suficiente deparar com um problema que não podia resolver, mas ficar ali dois dias com o cenário todo olhando acusador para ele, tornava as coisas piores.

Olhou para o rio de estrelas entre os picos rochosos, imaginando o que Leia teria pensado de toda aquela situação. Será que ela também percebera que Honoghr estava além da capacidade de recuperação? Ou teria uma idéia sobre como recuperar o planeta?

Ou ainda, estivera ocupada demais com a própria sobrevivência para pensar no futuro?

Mais uma pontada de dor formou-se em seu coração, ao lembrar que em algum lugar acima, em Coruscant, sua irmã estava a ponto de dar à luz aos filhos gêmeos. Talvez já tivesse ocorrido, mas pelo que sabia, Han estava com ela. Gostaria também de estar lá.

Mas se não podia ir lá pessoalmente...

Inspirando fundo, permitiu que o corpo relaxasse. Uma vez, em Dagobah, fora capaz de enxergar o futuro. Ver os amigos e os caminhos que trilhavam. Naquela oportunidade tinha Yoda a seu lado... mas se pudesse encontrar o padrão certo em si mesmo, talvez conseguisse vislumbrar a sobrinha e o sobrinho. Com cuidado, mantendo os pensamentos e a vontade focalizada, projetou a Força...

Leia estava agachada na escuridão, o desintegrador e o sabre-laser na mão, o coração cheio de medo e determinação. Atrás dela estava Winter, segurando apertado os dois bebês, frágeis e indefesos. Escutou uma voz... a de Han... cheia de raiva e da mesma determinação. Chewbacca estava por perto... em algum lugar acima, foi a impressão que teve. Lando estava com ele. Perante todos havia figuras na penumbra, as mentes cheias de ameaças e um propósito letal. Um desintegrador disparou... outro disparo... a porta

se abriu...

— Leia! — gritou Luke, o corpo sacudindo violentamente com a quebra do transe, uma imagem final, cintilando e desaparecendo na noite de Honoghr. Uma pessoa sem rosto, movendo-se na direção da irmã e dos filhos, de dentro da penumbra maligna. Uma pessoa dotada de poder sobre a Força...

— O que foi? — indagou uma voz felina ao lado.

Luke abriu os olhos para deparar com Khabarakh e Ovkhevam abaixados em frente a ele, um pequeno bastão de iluminação banhando de luz os rostos assustadores.

— Vi Leia — disse, percebendo que a própria voz tremia. Respirou fundo, para expulsar a adrenalina. — Ela e os filhos estavam em perigo. Preciso voltar a Coruscant.

Ovkhevam e Khabarakh trocaram olhares.

— Mas se o perigo estiver acontecendo agora...

— Não. Era no futuro — interrompeu Luke. — Não sei quanto tempo no futuro.

Os dois noghri conversaram na própria língua por algum tempo. *Acalme-se*, ordenou a si mesmo, utilizando técnicas Jedi para tranquilizar-se. Lando aparecera na visão... lembrava-se da sua presença. Mas Lando, quando partira, ainda se encontrava na Cidade Nômade, em

Nkllon. Isso significava que Luke ainda tinha tempo de voltar a Coruscant antes que o ataque à Leia se efetivasse.

Ou não? Será que a visão fora de fato uma imagem do futuro? Ou alguma mudança de eventos poderia alterar o que virá? £ *difícil ver*, dissera Mestre Yoda em Dagobah. *Sempre em movimento está o futuro*. E se alguém com profundo conhecimento da Força fora incapaz de atravessar as incertezas...

— Se desejar, filho de Vader, os comandos podem tomar a nave do Império — ofereceu Ovkhevam. — Se a tripulação for destruída com rapidez, não haverá nada para culpar os noghri.

— Não posso deixar que façam isto — afirmou Luke, balançando a cabeça. — E muito perigoso. Não há forma de garantir que não enviarão nenhuma mensagem.

— Se a Lady Vader está em perigo, o povo noghri não se importa em correr esse risco.

Luke fitou-os, uma estranha sensação percorrendo-lhe o corpo. As feições assustadoras não se haviam alterado; mas no espaço de uma batida de coração, sua percepção se alterara. Não pareciam mais um conjunto de traços alienígenas. De repente, aqueles rostos se tornaram amigos.

— Da última vez que tive uma visão assim, saí correndo para ajudar sem pensar em mais nada — contou Luke. — Não consegui ajudar ninguém e ainda por cima quase estraguei a única chance de fuga deles. E perdi outras coisas, ainda.

Olhou para sua mão artificial, sentindo na memória a lâmina do sabre-laser de Vader cortando seu pulso. Levantou a cabeça para os anfitriões, decidido.

— Não pretendo cometer o mesmo erro outra vez. Não com as vidas dos noghri em jogo. Vou esperar até que a nave do Império vá embora.

Khabarakh esticou a mão devagar para tocar-lhe o ombro.

— Não se preocupe com sua segurança, filho de *Vader*. A Lady Vader não será derrotada com facilidade. Não com o wookie Chewbacca ao lado dela.

Luke olhou para cima. Com Han, Chewie e toda a segurança do palácio para protegê-la, Leia poderia cuidar de intrusos normais.

Então lembrou-se da cena interrompida. A pessoa que percebera utilizando a Força...

Em Jomark, o Mestre Jedi C'baoth tornara bastante claro que desejava Leia e as crianças. Será que sua vontade era o suficiente para arrastá-lo a Coruscant?

— Lady Vader vencerá os inimigos — murmurou Khabarakh.

— Sei disso — respondeu Luke, com esforço, tentando soar como se acreditasse.

Não havia sentido em todos se preocuparem.

O último incêndio apagou-se, a última das microfraturas foi selada e o último ferido foi levado para a enfermaria... com uma estranha mistura de resignação e raiva, Lando Calrissian olhou para fora pelo visor da cabine de comando e soube que tudo acabara. Primeiro a Cidade das Nuvens, em Beshin, e agora a Cidade Nômade, em Nkllon. Pela segunda vez, o Império levava tudo o que ele trabalhara duro para reunir, o que custara tanto suor para construir, fora reduzido a cinzas.

No console, soou um sinal. Lando aproximou-se, movimentando-se como um autômato, e abriu o canal de comunicação.

— Calrissian — anunciou, passando a mão pela testa.

— Senhor, aqui é Bagitt, na Engenharia Central — afirmou uma voz cansada. — O último motor se foi.

Lando fez uma careta. Os danos que os caças TIE causaram à operação mineradora não foram uma surpresa.

— Alguma chance de conseguir que a gente se mova outra vez? — indagou.

— Não sem material sobressalente que dessem para montar uma fragata — anunciou Bagitt. — Desculpe, senhor, mas havia muita coisa quebrada e derretida por aqui.

— Entendido. Nesse caso, você deve concentrar seu pessoal nos sistemas de manutenção de vida.

— Sim senhor. Bem, senhor... existe um boato por aí de que perdemos todas as comunicações à longa distância.

— E apenas temporário — garantiu Lando. — Temos pessoal trabalhando nisso agora mesmo. E peças sobressalentes suficientes para

construir dois novos transmissores.

— Sim, senhor — respondeu Bagitt, mais tranqüilo. — Bem, vou trabalhar nos sistemas de manutenção de vida.

— Mantenha-me informado.

Desligando o comunicador, caminhou de volta para o visor. Vinte dias, era o que tinham. Vinte dias antes que a rotação lenta de Nkllon os retirasse da noite e entrasse sob a luz implacável do sol. Nesse instante, não importaria se os motores, comunicações, ou mesmo os sistemas de manutenção de vida funcionassem. Quando o sol passasse pelo horizonte, todos os que ficassem na Cidade Nômade estariam a caminho de uma morte rápida e quente.

Vinte dias.

Lando olhou para o céu noturno, deixando os olhos percorrerem os padrões das constelações que sonhara em seus momentos de folga. Se conseguissem consertar o transmissor de longo alcance no dia seguinte, poderia pedir ajuda a Coruscant. Não importava quais fossem os danos infligidos às naves-escudo na parte exterior do sistema, os técnicos da Nova República deveriam colocar pelo menos um deles em operação outra vez, pelo menos para uma última viagem. O horário era apertado, mas com um pouco de sorte...

Repentinamente seus pensamentos foram interrompidos. À frente, ainda à distância, a luminosidade de uma nave-escudo se aproximava.

Por reflexo, deu um passo em direção ao seu posto para ordenar que todos se dirigissem aos postos de combate. Se os homens do Império vinham outra vez, para terminar o trabalho, encontrariam...

Parou. Não podiam ser os homens do Império. Se fossem, tudo estaria terminado. Não tinha mais caças para enviar contra eles, nem defesas funcionando na Cidade Nômade. Não havia necessidade de agitar o pessoal, se ninguém podia fazer nada.

A seguir, novo sinal soou no console e uma chamada foi aceita automaticamente.

— Cidade Nômade, aqui é o general Bel Iblis. Alguém está me ouvindo?

Lando apressou-se a responder.

— Aqui fala Lando Calrissian, general — identificou-se, procurando soar tão casual quanto possível. — E o senhor mesmo, aí no

guarda-chuva?

— Somos nós — confirmou Bel Iblis. — Estávamos em Qat Chrystac quando recebemos seu pedido de socorro. Desculpe não ter chegado a tempo de evitar. Sinto muito.

— Eu também. E como está a nave-escudo?

— Acho que está bem ruim — disse o general. — Essas suas naves são muito grandes para se destruir, mas o Império tentou com afinco. No momento essa parece ser a única em condições de voar.

— De qualquer forma, é só uma curiosidade acadêmica — lembrou Lando. — A Cidade Nômade está condenada.

— Não há forma de fazer com que ela se mova?

— Não nos vinte dias que temos antes que a aurora chegue. Poderíamos enterrar a cidade o suficiente para que agüente um dia do lado iluminado, mas isso requer equipamento pesado, que não temos.

— Talvez a gente possa rebocar a cidade inteira para que possa ser reparada no sistema exterior — sugeriu Bel Iblis.

— Uma fragata de assalto e um par de rebocadores pesados devem conseguir, se a gente colocar outra nave-escudo para funcionar.

— E se for possível convencer o almirante Ackbar a retirar uma fragata da frente de combate para rebocar uma cidade — lembrou Lando.

— E verdade. Acho que é bom saber de uma vez o resto das notícias ruins. O que o Império conseguiu levar?

— Tudo. Todo o nosso estoque de hfredium, kammris, dolovite... tudo o que tínhamos. O que tiramos da terra, eles levaram.

— Quanto, no total?

— Mais ou menos uns quarenta meses de trabalho. Pouco mais de três milhões, ao preço corrente de mercado — calculou Lando.

Por um instante o general permaneceu em silêncio.

— Não sabia que esse lugar era tão produtivo assim. Torna mais fácil convencer Coruscant a ajudá-lo. Quantas pessoas tem por aí?

— Pouco menos de cinco mil. Alguns estão muito feridos.

— Tive muita experiência em remover feridos — afirmou Bel Iblis, com gravidade. — Não se preocupe, a gente consegue acomodar todos a bordo. Gostaria que você destacasse um grupo para permanecer do outro lado e consertar as nave-escudo. Os outros podemos deixar em

Qat Chrystac. Será um lugar tão bom quanto qualquer outro para você transmitir um pedido formal de ajuda a Coruscant.

— Não sabia que existiam lugares bons para transmitir esse tipo de pedido — resmungou Lando.

— E verdade. Coruscant está muito ocupada com a guerra. Mas pelo menos eu diria que a sua chance de ser ouvido *é* acima da média. Pelo menos não será perdido na burocracia.

— Se acha isso, podemos pular a parte formal. Que tal me levar a Coruscant para falar em pessoa com eles?

— Isso vai lhe custar cinco dias de viagem — argumentou general.
— Pode gastar esse tempo?

— É melhor perder cinco dias viajando do que esperando em Qat Chrystac, sem saber se minha transmissão chegou a sair do centro de comunicações. Vamos dizer que eu gaste cinco dias, depois mais dois para convencer Leia a conseguir uma fragata e dois rebocadores, depois mais dez para voltar e terminar o trabalho.

— Dezessete dias. E um horário apertado — comentou Bel Iblis.

— Não tenho nenhuma idéia melhor. O que acha? — quis saber Lando.

— Bem, eu estava mesmo querendo dar um pulo em Coruscant, mais cedo ou mais tarde. Pode ser mais cedo.

— Obrigado, general.

— De nada. E melhor começar a preparar o seu pessoal... vamos lançar transportes assim que entremos na sombra.

— Certo. Vejo o senhor daqui a pouco.

Lando desligou o comunicador. Era como um tiro no escuro... sabia disso. Mas, para ser realista, era o único tiro que podia disparar. Além disso, mesmo que recusassem, uma viagem a Coruscant no momento não seria má idéia. Gostaria de ver Leia, Han, os gêmeos e talvez até encontrar Luke ou Wedge.

Olhou pelo visor, o lábio torcido num sorriso. Em Coruscant, pelo menos não teria que se preocupar com ataques do Império.

Acionando o comunicador, começou a dar as ordens de evacuação.